



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Se os profetas falam em nome de Deus, mesmo que o proclamado seja promessa, a certeza é da sua autenticidade e da sua concretização: em Deus sobressai a sua fidelidade à palavra empenhada pois o Deus de Jesus Cristo não busca outra coisa e não tem outro interesse que não seja, apenas e só, a felicidade e a vida dos Seus. O problema reside no facto de, cada vez mais acreditarmos menos em promessas, tais são os “escaldões” que já apanhamos, e quando ela é grande, “até o santo desconfia”, tal é o grau da escassez da possibilidade da sua concretização e o vislumbra dos seus reais objectivos. Não poucas vezes estas são meras palavras ilusórias, como se publicidade se tratasse, e da enganadora que, em abono da verdade, não passam mesmo disso.

A promessa era, e é, de um lauto banquete onde todos são, gratuitamente, saciados nas “nascentes das águas”, onde há “vinho e leite”, em abundância. E mais, gastamos tanto naquilo que não alimenta, e dispensamos tanto trabalho e energias naquilo que não sacia. Engordamos “barrigas” e emagrecemos corações! E a gordura já não é formosura!

Permanecemos na procura de mais, de muito mais! Embora de “barriga cheia”, não todos, diga-se, andamos perdidamente na busca do saciável, do que “perdura até à vida eterna”. Recordemos a mulher Samaritana... as multidões... e hoje, nós!

E tudo começa por um olhar, um olhar teológico que, parecendo que não, é diferente de todos os outros sentidos e experimentados até então: naqueles olhos brilham compaixão e reluzem misericórdia; é um olhar que faz com que quem o acolhe não parte da mesma forma. Há que aprender a olhar com os olhos do “Mestre”, olhar e perscrutar a carência de compaixão que gritantemente impera por este nosso mundo; olhar e vislumbra a obesidade mórbida de quem se “empanturrou” de efêmero e vazio, de quem engordou à conta de um suposto “light” mas que, na prática, está esquelético e faminto.

A promessa cumpre-se milagrosamente à conta da partilha, da partilha do “eu” e do “meu”, do “tu” e do “teu” saldando em “nosso”. Da compaixão nasce a partilha que, de 5 e 2 se faz 7 e de 7 se alcança 12: e não é que eram mais de “cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças”?

Hoje são mais, muito mais que estes cinco mil homens: são homens, mulheres e crianças, povos, línguas e nações, realidades e existências! E a promessa continua a concretizar-se em Banquete da montanha, onde os olhos se voltam a erguer para o Céu e as mãos continuam a abençoar e a multiplicar. Na lógica do Reino o que se divide multiplica-se, chega e sobra. Da partilha dos 5 pães e dos 2 peixes todos são saciados e até sobra para os ausentes, porque, mesmo ausentes, não deixam de fazer parte do banquete.

O milagre foi, apenas e só, pedagogia para outros milagres que tardam em acontecer: olhar, compadecer-se, partilhar, abençoar e repartir. Afinal não há aqui segredo nenhum e o milagre, contrariamente ao que se pudesse imaginar, é puramente humano.

Há banquetes que são apenas para alguns e, se para “casamento e baptizado” só vai quem é convidado” para o “Banquete da Montanha” não é preciso convite: é de todos, com todos e para todos.

Há mesas que, uma vez postas nunca mais voltam a esvaziar-se: a de Jesus é uma destas.

E a promessa não foi mera promessa! Aí está ela. Se calhar só está a faltar os teus 5 pães e os teus 2 peixes para que se encham, de novo, 12 custos.

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

XVIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano A

1ª Leitura

Isaías 55,1-3

«Vinde e comei»

2ª Leitura

Romanos 8, 35.37-39

«Nenhuma criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que se manifestou em Jesus Cristo»

Evangelho

São Mateus 14,13-21

«Todos comeram e ficaram saciados»

A Palavra do Senhor deste Domingo apresenta-nos o convite que Deus nos faz para nos sentarmos à mesa que Ele próprio preparou, e onde nos oferece gratuitamente o alimento que sacia a nossa fome de vida, de felicidade, de eternidade.

Na primeira leitura, Deus convida o seu Povo a deixar a terra da escravidão e a dirigir-se ao encontro da terra da liberdade. Aí, Deus saciará definitivamente a fome do seu Povo e oferecer-lhe-á gratuitamente a vida em abundância, a felicidade sem fim.

O Evangelho apresenta-nos Jesus, cuja missão é realizar a libertação do



seu Povo. No contexto de uma refeição, Jesus mostra aos seus discípulos que é preciso acolher o pão que Deus oferece e reparti-lo com todos os homens. É dessa forma que os membros da comunidade do Reino fugirão da escravidão do egoísmo e alcançarão a liberdade do amor. O texto evangélico convida-nos a reflectir sobre a preocupação de Deus em oferecer a todos os homens a vida em abundância. Ele convida todos os homens para o “banquete” do Reino. Aos desclassificados

e proscritos que vivem à margem da vida e da história, aos que têm fome de amor e de justiça, aos que vivem atolados no desespero, aos que têm permanentemente os olhos toldados por lágrimas de tristeza, aos que o mundo condena e marginaliza, aos que não têm pão na mesa nem paz no coração, Deus diz: “quero oferecer-te essa plenitude de vida que os homens teus irmãos te negam. Tu também estás convidado para a mesa do Reino”. A narração que hoje nos é proposta tem um inegável contexto eucarístico. Na verdade, sentar-se à mesa com Jesus e receber o pão que Ele oferece (Eucaristia) é comprometer-se com a dinâmica do Reino e é assumir a lógica da partilha, do amor, do serviço. Celebrar a Eucaristia obriga-nos a lutar contra as desigualdades, os sistemas de exploração, os esquemas de acaumbaramento dos bens, os esbanjamentos, a procura de bens supérfluos.

A segunda leitura é um hino ao amor de Deus pelos homens. É esse amor - do qual nenhum poder hostil nos pode afastar - que explica porque é que Deus enviou ao mundo o seu próprio Filho, a fim de nos convidar para o banquete da vida eterna.

SABIAS QUE...



... a definição da Assunção de Nossa Senhora enquanto dogma de fé celebra, este ano, 70 anos?

Corria o ano de 1950, ano jubilar, quando o então Venerável Papa Pio XII, fazendo uso do magistério extraordinário da Infallibilidade Papal, definiu como dogma de fé a Assunção da Virgem Maria aos Céus em corpo e alma, através da Constituição Apostólica MUNIFICENTISSIMUS DEUS publicada a 1 de Novembro daquele ano.

Os últimos anos de Maria na terra - os que passaram desde o dia de Pentecostes até à sua Assunção - ficaram envolvidos numa neblina tão densa que não é possível descortiná-los e, menos ainda, penetrar neles.

A Sagrada Escritura cala e, da Tradição, recebemos apenas ecos longínquos e incertos. A sua vida transcorreu calada e laboriosa como uma fonte oculta que dá aroma às flores e sabor aos frutos.

Mas o lugar de Maria estava no Céu onde o seu Filho a esperava. E, assim, num dia desconhecido para nós, Jesus levou-a consigo à glória celestial.

Ao declarar o dogma da Assunção de Maria, em 1950, o Papa Pio XII não quis resolver se Nossa Senhora morreu e, imediatamente depois, ressuscitou, ou se foi directamente para o Céu sem passar pelo momento da morte. Com este dogma o Pio XII coloca toda a Igreja e seus fiéis, decorrente até da grande, remota e forte tradição desde os primórdios do cristianismo, a reconhecerem a graça que a Mãe de Deus teve, enquanto Virgem Santa e Incorruptível, de ascender, de corpo e alma, aos Céus, gozando do mesmo privilégio do Seu Filho Jesus e quebrando as barreiras da morte e do pecado.

Deste modo, e no dia 15 de Agosto de cada ano, dia da Solenidade da Assunção de Maria, somos todos convidados, e invocando-A quer como Senhora dos Anjos, da Ajuda, da Alegria, das Dores, dos Milagres, do Carmo ou sob qualquer outra invocação, a ver no rosto de Maria o rosto de Deus que é Pai mas que, também, é Mãe, Mãe que nos acolhe sempre sem nos pedir explicações mas, antes, apresentando o seu perdão e misericórdia como refúgio para todas as nossas dúvidas e anseios.

POR CÁ

Ordenações presbiterais na agenda da Diocese no regresso de férias



Após o mês de Agosto, marcadamente de férias, a Diocese de Angra vai regressar ao trabalho em Setembro com dois grandes eventos já agendados: a ordenação de seis novos padres, a 6 de Setembro e a realização de uma assembleia diocesana, que reunirá os membros do Conselho Presbiteral e do Conselho Pastoral Diocesano de 2 a 5 de Outubro. Ambos os eventos foram adiados devido à pandemia e realizam-se em Ponta Delgada.

A ordenação dos seis diáconos, alunos do Seminário Episcopal de Angra, e todos naturais de São Miguel, vai decorrer na Igreja de São José, em Ponta Delgada, paredes meias com o Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres onde decorrerá o retiro prévio à ordenação que os seis jovens micaelenses irão fazer, orientados pelo director espiritual do Seminário, o cônego Gregório Rocha.

Estas ordenações serão presididas por D. João Lavrador, bispo diocesano que,

desde que chegou à diocese, em 2015, já ordenou seis padres na diocese.

Além da ordenação, o recomeço dos trabalhos na diocese ficará igualmente marcado pela realização, pela primeira vez, de uma reunião conjunta dos membros dos Conselhos Presbiteral e Pastoral diocesano.

Esta primeira grande assembleia diocesana vai debruçar-se sobre os temas que irão animar a caminhada sinodal da diocese depois de um trabalho de auscultação e reflexão que procurou ser o mais abrangente possível, feito a partir das bases da estrutura da Igreja.

Este nosso Suplemento interrompe neste mês de Agosto a sua publicação, retomando a sua publicação no primeiro Domingo de Setembro, dia 06, precisamente em dia das Ordenações sacerdotais.

Até lá, desejamos a todos os nossos estimados leitores saúde, paz e harmonia.

POR LÁ

Vaticano lança campanha de abraços para os mais velhos

O Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida (Santa Sé) lançou, na passada Segunda-feira, uma campanha de abraços, físicos e virtuais, para os mais velhos, inspirado pela intervenção do Papa, do passado Domingo, Dia dos Avós.

“É possível vencer o isolamento dos idosos também respeitando rigorosamente as normas de saúde em matéria de Covid-19. A pandemia atingiu particularmente os idosos e debilitou os já fracos vínculos entre as gerações, mas respeitar o distanciamento não significa aceitar um destino de solidão e de abandono”, assinala um comunicado do organismo da Cúria Romana.

A campanha “Cada idoso é teu avô” convida os jovens de todo o mundo a fazer “um gesto de ternura para com os idosos que se sentem sozinhos”.

A nota destaca os testemunhos que chegam de várias comunidades católicas, que multiplicaram contactos telefónicos, via web, redes sociais – “até serenatas para os hóspedes das casas de repouso” – realizados por jovens, para impedir a

solidão de muitas pessoas forçadas pela pandemia a permanecer em suas casas ou fechadas em lares.

Nesta fase da campanha, para respeitar as normas sanitárias em vigor nos diferentes países, o convite é o de “reunir virtualmente os idosos mais solitários do bairro ou da paróquia e enviar-lhes um abraço, como o Papa pediu, por meio de uma ligação telefónica, uma videochamada ou uma imagem”.

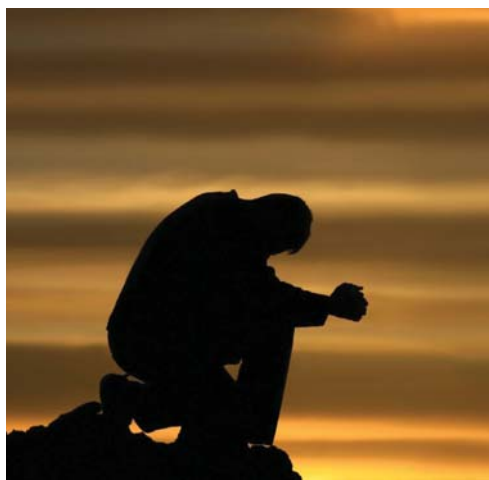
“Onde for possível – ou quando a emergência sanitária permitir –, convidamos os jovens a tornar o abraço ainda mais concreto, indo ao encontro dos idosos pessoalmente”, acrescenta o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida.

“Caros jovens, afirmou o Papa na Oração do Angelus do passado Domingo, cada um destes idosos é vosso avô, não os deixem sós. Usai a fantasia do amor – telefonemas, videochamadas, mensagens –, escutai-os e, onde for possível – no respeito pelas normas sanitárias –, visitai-os. Enviai-lhes um abraço, eles são as vossas raízes”.



ENTRE NÓS...

Jesus não vai de férias



É tempo de férias, tempo de paragem, tempo de descanso, tempo de relaxar e de descontraír. Tempo que pedimos, que temos, e tantas vezes sentimos falta.

Nesta altura do ano em que fazemos a paragem nas nossas rotinas, tentando dar um novo fôlego à nossa vida, até podemos cair naquela ideia de que precisamos de férias daquilo que é mais importante para nós. Nessa ilusão de vivermos tempos diferentes parece-nos que tudo tem de mudar para recarre-

garmos verdadeiramente as baterias e darmos novo alento à nossa vida. E nesse contexto, afinal onde fica Jesus na nossa vida? Que espaço Lhe damos? Ou será que Ele só está lá para quando precisamos?

Se pensarmos bem, fazemos férias da alimentação, de respirar, de vestir, de tantas necessidades básicas? Parece-me que não. No entanto, nem tudo é igual. Muda a forma como o fazemos, talvez comamos com mais tranquilidade, respiramos com mais calma, vestimos de uma forma mais descontraída e vivemos cada momento com uma nova energia, que se renova continuamente. Permitimo-nos viver aqueles momentos que verdadeiramente nos enriquecem e que não conseguimos que no nosso dia-a-dia sejam uma realidade.

Nesta altura do ano também temos mais tempo e disponibilidade para estar com os nossos amigos e aprofundar as nossas amizades. Podemos partilhar momentos mais demorados, sem nos preocuparmos com as horas, disfrutando de cada instante, sem pressas, sem ansiosos. E somos tão mais felizes quando fazemos tudo isto de uma forma na-

tural, sem grandes planos, apenas aproveitando o bom e belo que a vida nos proporciona.

Ora se tudo isto é fundamental na nossa vida e se tudo podemos encarar com uma perspectiva e atitude diferentes, pois que assim seja também na nossa relação com Jesus. Afinal Jesus está na praia, está nos nossos amigos, em nossa casa, na natureza. É tão difícil não O encontrarmos, como é ainda mais difícil, por vezes, reconhecer a Sua presença.

Jesus não vai de férias, não se ausenta, não se põe de parte ou tão pouco descansa de nós. Acompanha-nos em cada novo dia e é com essa certeza que devemos encarar este tempo como uma oportunidade de nos aproximarmos, conversarmos com Ele, senti-Lo e vivê-Lo através dos nossos irmãos, aqueles com quem convivemos diariamente e, sobretudo, naqueles que não conhecemos tão bem.

Se vou fazer um trilho à montanha, porque não dedicar algum do meu tempo a conversar com Ele? No silêncio da natureza podemos sentir uma paz enorme. E, mesmo que seja para pedir,

que o façamos com todo o coração, sem medidas, sem reservas, sem pensar, sem filtros. Falar como se o nosso coração se abrisse e tudo o que lá está ficasse visível.

Ainda nos custa assumir que precisamos de Jesus na nossa vida? Que Ele nos faz mais felizes? Que somos apaixonados por Ele? Pois bem, façamos desse desafio uma meta para as nossas férias. Permitamo-nos reconhecer o bom e belo que é viver sabendo que Jesus nos ama, que O amamos através de nós mesmos, através dos irmãos, através de tudo o que nos rodeia.

Se toda a casa que se constrói precisa de manutenção, que reconheçamos essa necessidade real de estarmos constantemente com Jesus, de que a nossa Fé nos marque e seja uma realidade na nossa vida. Afinal, como nos é dito na Carta aos Hebreus: “Sem Fé é impossível agradar a Deus, pois quem Dele se aproxima precisa crer que Ele existe e que recompensa aqueles que O buscam.”

Vamos fazer férias com Jesus?!

Por Luís Toste